

Imagens do Museu Real da África Central: um acervo de relíquias do Congado do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba no CDHIS

Larissa Oliveira e Gabarra¹

Resumo

O artigo é uma síntese da pesquisa de doutoramento da autora no Programa de Pós-Graduação em História da PUC do Rio de Janeiro. Trata-se de uma abordagem da História Social da Cultura que reconstrói diálogos entre a memória dos congadeiros de Uberlândia/MG e a cultura material dos povos da atual República Democrática do Congo – RDC. Foi escrito a convite da Coordenação do Centro de Documentação e Pesquisa em História CDHIS/INHIS, também para registrar a incorporação ao acervo de fotografias do final do século XIX e início do XX utilizadas na pesquisa e cedidas pelo Museu Real da África Central, um material inédito no Brasil, que já está disponível para pesquisadores e estudantes da região do Triângulo Mineiro.

Palavras-chave: África Central, memória, cultura popular, congado, diáspora africana

Abstract

The article is a synthesis of PhD research for Programa de Pós-Graduação em História da PUC of Rio de Janeiro. It is an approach in field of Social History of Culture and rebuilds dialogues between *congadeiros* memory of Uberlândia/MG and material culture of República Democrática do Congo – RDC people. It has been written as an answer of the Centro de Documentação e Pesquisa em História/CDHIS/INHIS invitation, also to record the incorporation of nineteenth and twentieth century photographs, given by Royal Museum for Central Africa. The documents were selected by the author and used in her thesis, before given to CDHIS, exclusive material which is already disposal to students and researches of Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais.

Keywords: África Central, memory, popular culture, congado, African diaspora

¹ Doutora em História Social da Cultura pela PUC-Rio, mestre em História Cultural pela Universidade Federal de Uberlândia. Professora de História da África e Estágio Supervisionado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

O artigo pretende apresentar uma leitura histórica da cultura material utilizada hoje no Congado de Minas Gerais, através de imagens da África Central do século XIX e XX. A cidade de Uberlândia, MG, é rica nessa manifestação cultural, seus integrantes são ativos na construção da cidade e astutos na manutenção de sua identidade congadeira. A Universidade Federal de Uberlândia de maneiras diferentes vem travando diálogos profícuos com esses atores sociais. Por isso, as imagens citadas, oriundas do acervo etnográfico do Museu Real da África Central - MRAC, na cidade de Tervuren na Bélgica foram doadas ao Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia em Uberlândia, Minas Gerais, no dia 21 de setembro de 2010.

A oficialização se deu em evento intitulado Memórias Centro Africanas no Congado Mineiro e contou com a presença do Magnífico Reitor da Universidade Federal de Uberlândia, Alfredo Júlio Fernandes Neto, do Prof. Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior, diretor do Instituto de História, da Profa. Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro, coordenadora do Centro de Documentação e Pesquisa em História, do Prof. Guimes Rodrigues, diretor do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, todos da Universidade Federal de Uberlândia. Na ocasião, ocorreu o leilão habitual do congado dos ternos Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário e Catupé Azul e Rosa. Compareceram outros ternos – grupos – de congado da cidade Congo Rosário Santo, Congo Sainha,

Moçambique Estrela Guia, Congo Santa Efigênia, Congo Camisa Verde, Marinheiro de São Benedito, Moçambique Estrela Guia, Moçambique Guardiões de São Benedito, Congo Verde e Branco, Moçambique Quilombo dos Palmares que receberam uma cópia da tese de doutorado “Reinado do Congo no Império do Brasil: memórias centro-africanas no congado de Minas Gerais”.

O conjunto de fotografias corresponde a onze reproduções de diversos fotógrafos viajantes, exploradores e missionários no fim do século XIX e início do século XX, que exibem variadas danças de povos da atual República Democrática do Congo - RDC, além de mais sete painéis com inúmeros objetos etnográficos, alguns que fazem parte dessas danças já citadas, outros que remetem a uma classificação temática: instrumentos musicais, representações católicas, insígnias de poder.

Essa classificação foi formulada durante a pesquisa sobre a história do congado do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e corresponde a especificidades dos objetos utilizados na festa do reinado do Congo. A pergunta sobre quem foi o rei do Congo, homenageado em tantas localidades brasileiras, conduziu o estudo aos acervos do MRAC. Mas ao invés de encontrar uma história sobre o rei do Congo da África, ocorreu um encontro, no universo do antigo reino do Congo (século XIV-XVIII), com os objetos do congado.

O reino do Congo foi um antigo domínio africano no litoral do que hoje

é norte de Angola, litoral da RDC, litoral da República do Congo e sul do Gabão. Era composto por cinco províncias: Mpemba, Mpemba, Nsundi, Mbamba e Soyo que se submetiam ao poder do rei, mani Congo. No século XIV, o reino do Congo anexou mais duas regiões orientais de Mpangu e de Mbata, que marcou, assim, seu apogeu no século XV².

A partir do contato com os portugueses em 1482-1483, quando chegou Diogo Cão à foz do rio Zaire, os povos da região viram mais uma força política e religiosa para fazer parte das relações entre as hierarquias de linhagens das populações locais. Os reinos Ndongo (atual Angola), Congo, Loango (litoral norte da República Democrática do Congo) e Tio (localizado no interior do continente e que fazia divisa com os reinos de Loango e do Congo), seus respectivos grupos étnicos tributários, e suas cidades litorâneas Benguela, Luanda, Ambriz, Pinda, Cabinda e Loango, compuseram os principais centros de escoamento de produtos via Oceano Atlântico naquele momento. Esse contato comercial se estendeu com outras potências européias durante os três séculos seguintes, mas foi com os portugueses que o tráfico sul-sul teve seu maior fluxo.

Os portos de São Luiz, Recife, Salvador, Rio de Janeiro no Brasil recebiam escravos entre outras mercadorias durante todo o período negreiro, já que nes-

se momento eram capitanias da colônia portuguesa na América. Muitos foram os homens e mulheres que vieram do reino do Congo, como cativos, para o Brasil. Durante o século XVII, o maior fluxo do Congo-Angola foi para Recife. Nos fins do século XVIII, mas, principalmente, no século XIX, durante o período ilícito, foi o porto do Rio de Janeiro que recebeu as últimas e mais fartas levas de cativos da região³.

Esse comércio ilícito era estimulado, entre outras coisas, por uma demanda dos cafeicultores do sudeste do Brasil com tentáculos de bandeirantes que chegavam até Goiás, onde o ouro já era conhecido desde o século anterior. O Triângulo Mineiro recebeu homens e mulheres oriundos dessas últimas levas de africanos, mas também fugidos das minas de ouro do centro das Gerais via região hoje denominada de Alto Paranaíba, que se espalhavam nas vilas e aldeias ou nos aglomerados do Quilombo Campo Grande.

Nessa região interiorana, no século XIX, a consolidação do território nacional ainda era baseada nos resultados de políticas portuguesas pela povoação da região que havia se dado em complementaridade com as políticas pela destruição dos quilombos, como o do Ambrósio, destruído em 1769⁴, hoje distrito de Ibiá/

² VANSINA, Jan. *Journal of African History*, IV, I (1963), 33-38. Apud. FELIZ, Marc Leo, MEUR, Charles, BATULUKISI, Niangi. *Art & Kongos*. Bruxelles: Van Eeckhoudt Sprl., 1995. p.36.

³ FLORENTINO, Manolo. *Em Costas Negras. Uma História do Tráfico Atlântico de Escravos entre a África e o Rio de Janeiro (século XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

⁴ MANUSCRITO. Conde de Valadares. Código 12/3671. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional. Ver também em ANAIS. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 108:47-113, 1988.

MG. O povoamento tardio possibilitou a abertura de vários cofres de Irmandades de Rosário num momento em que nas regiões metropolitanas, como Rio de Janeiro e Recife, esse tipo de catolicismo popular estava sendo inibido tanto pelo papado, quanto pelo Estado⁵.

Durante os séculos XVII e XVIII, as irmandades dos homens pretos, como a do Rosário e São Benedito, Santa Efigênia e São Eslebão serviram ao Estado como braço expandido no interior. Uma das causas dessa função da Igreja era a falta de funcionários da coroa portuguesa para ordenar o povoamento das aldeias e vilas. Nelas surgiam as Irmandades leigas de Homens Bons, brancos, comerciantes ou fazendeiros e de Homens de Cor, escravos e libertos. Juntas, em proporção diferenciada de poder, organizavam o cotidiano das vilas e freguesias⁶.

Na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba ainda no século XIX existiram aberturas de Irmandades do Rosário e São Benedito dos Homens de Cor. Na vila de São Pedro de Uberabinha (atual Uberlândia), o cofre da Irmandade foi aberto em 1876. A confraria era composta por escravos e libertos que ali se encontravam e se organizaram em torno da eleição do seu rei Congo⁷.

O longo processo de quatro séculos de comércio com as potências européias desmanchou a centralidade política do mani Congo, que já no início do século XVIII sentia a fragmentação de seu domínio. No entanto, seu período áureo não foi esquecido, o reino do Congo, já tinha conquistado fama e a história de sua diplomacia com, principalmente, os portugueses, os holandeses e o vaticano já tinha corrido mundo.

Em 1503 o filho do primeiro mano Congo batizado enviou embaixada a Roma pleiteando o título de príncipe católico da África, assim, se tornou Afonso I. A partir do seu governo, elementos católicos foram introduzidos entre as insígnias de poder do reino. Lentamente, de uma religião da nobreza, o catolicismo começou a ser difundido entre a população. Essa difusão se deu a partir de apropriações dos africanos por elementos que os interessavam, criando uma cultura afro-católica no litoral do Congo-Angola⁸ veiculada pelos próprios nobres da região, que incentivavam os batismos coletivos – raros até o século XVII - e o estudo da nova relação com o sobrenatural⁹.

A bagagem cultural trazidas pelos descendentes de africanos e pelos africa-

⁵ ABREU, Marta. *Império do Divino. Festas Religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: FAPESP, 1999. e CORD, Marcelo Mac. *O rosário de D. Antônio. Irmandades negras, alianças e conflitos na história social do Recife 1848-1872*. São Paulo: FAPESP, 2005.

⁶ BOSCHI, Caio Cesar. *Os Leigos e o Poder. Irmandades e Política Colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Ática: 1986.

⁷ IGREJA DA MATRIZ SANTA TERESINHA. Livro

de Ata da Irmandade Nossa Senhora do Rosário. 1876-1906. Uberlândia/MG.

⁸ KIDDY, Elizabeth. Who is the king of Kongo? A new look at African and Afro-brazilian kings in Brazil. In: HEYWOOD, Linda M. (org.) *Central Africans and Cultural Transformations in the American Diaspora*. Cambridge: Edited by Heywood University Cambridge Press, 2002.

⁹ GRAY, Richard. *Black Christians and White Missionaires*. New Haven/London: Yale University Press, 1990.

nos que se organizaram nas Irmandades do Rosário da região de Uberlândia era repleta de histórias do reino do Congo, do mani Congo e de seu poder de negociação. Mesmo oriundos da ilha de Moçambique, no oriente africano ou de Benguela no sul de Luanda¹⁰, identificavam-se com aqueles velhos congos que dançavam e tocavam em homenagem ao seu rei¹¹. As heranças culturais eram cheias de saberes e fazeres aprendidos nas experiências africanas, algumas de regiões próximas do reino do Congo, outras de localidades mais longínquas, mas que marcavam uma maneira de se organizar socialmente.

Entre os batekes, ao noroeste dos bacongo (povo do Congo) existia o mfumu, traduzido por Jan Vansina como “homem da casa”, ou o “grande homem”. A extensão do domínio do mfumu podia chegar a uma vila, a um distrito, a um clã, ou ainda dar origem a uma dinastia real. Sua riqueza era contada via números de pessoas ao seu entorno, pessoas que dependiam dele para viver, clientes, mulheres, filhos, servos, conselheiros, griôs. Mas seu poder era dividido com outras instituições que perpassavam essas. Além do mfumu da vila, do clã, do distrito, existiam os líderes dos grupos etários, normalmente constituídos a partir do rito da circuncisão, o kitome (conselheiro espiritual do reino), os curandei-

ros ou feiteiros e os líderes de ofícios, como ferreiros, griôs, soldados. Todos eles constituíam uma rede de poderes que era acionada no caso da necessidade de se encontrar soluções para questões pessoais ou coletivas.

Essas instituições possuíam marcas de distinção utilizadas para que, ao serem vistos nas celebrações de fertilidade, prosperidade, cobranças de impostos pudessem ser identificados a partir das suas vestes e ornamentos. Algumas dessas marcas eram objetos utilizados em celebrações que, normalmente, eram acompanhadas de danças e músicas. Essas marcas de distinção e poder foram uma das heranças culturais centro africanas trazidas e cultivadas pelos africanos e seus descendentes nas novas terras e que ainda estão presentes no congado.

Cada grupo do reinado do Congo em Minas Gerais tem marcas identitárias, que os distingue entre si, e também entre os de fora. Quem se integra a esse tipo de linguagem localiza a função de cada membro do grupo e de cada grupo no conjunto, apenas observando os ornamentos e indumentárias. O congado é uma manifestação cultural que louva Nossa Senhora do Rosário e São Benedito e homenageia o rei e a rainha Congo. Ao fazerem no dia auge do ritual uma procissão em que os Moçambiques vêm ao lado dos andores dos Santos e rei e rainha Congo, logo atrás os Catupés e os Congos, depois Marinheiros, Marujos e por último os Vilões, revivem o mito fundador. A festa termina na porta da igreja do Rosário com a apre-

¹⁰ FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO. Termo de Eleição 1836-1893. Livro da Igreja da Matriz de São Domingos. Pasta19. Araxá/MG.

¹¹ SOUZA, Marina de Mello e. *Reis Negros no Brasil Escravista*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

sentação de cada grupo; é no cotidiano durante todo o ano, que os congadeiros vivem em prol da manutenção dessa cultura. Para se identificarem como tal ou tal grupo utilizam ornamentos, instrumentos e indumentárias diferentes um dos outros, como também fazem seus ritmos e danças específicos. Por isso, pode-se, denominá-los como nações, no sentido, que estão unidos por uma linguagem e uma memória em comum. Apesar de não terem um território geográfico, eles constituem, enquanto conjunto, o reinado do Congo. O reinado do Congo nesse sentido é a criação de um território abstrato para se reorganizarem como grupo, a partir das referências africanas que carregam enquanto bagagem cultural e social.

Assim, através das imagens encontradas no MRAC foi possível visualizar os objetos identitários dos grupos de congado e, então, primeiramente, analisar e contextualizar essa cultura material da África centro-africana dos fins do século XIX e início do XX, para, num segundo momento, colocá-la em contato com os congadeiros. Depois desse duplo exercício, foi possível entender algumas relações entre as memórias do congado e a cultura material da África Central. Essa cultura material chegou ao Brasil, na maioria das vezes, via herança imaterial: o saber e o fazer reproduziram aqueles objetos, ornamentos e vestimentas com os materiais disponíveis na nova terra, com as lembranças ainda vivas trazidas da África. Portanto, quando foram reutilizadas no Brasil e contextualizadas no

congado de Minas Gerais, elas ganharam uma conotação histórica, uma significação que remete a uma organização social africana, mas que não é uma reprodução.

As memórias dos congadeiros que foram tangenciadas¹² pelas fotografias de objetos e danças etnográficas da África central reconheceram em algumas daquelas fotos uma estética corporal e ornamental, não só identificando um ou outro objeto, mas assemelhando a utilização com a marca de distinção dos grupos de congado. Depoimentos como, “esses são os verdadeiros Moçambiques¹³”, ou “essa foto me faz lembrar um ponto¹⁴”, ou “como isso se parece com o trança fita¹⁵”, dão sentido aos ornamentos centro-africanos utilizados em outro contexto, e, ao mesmo tempo explicam referências materiais de uma manifestação cultural de matriz africana no contexto da diáspora¹⁶. Essa relação de objetos e de usos representa uma cultura material que foi recriada através das heranças imateriais de gerações passadas. Os signos desses objetos foram recolocados em outra situação sócio-cultural, no entanto reafirmaram algumas de suas representa-

¹² LOWENTHAL, David. How we Know the Past. In: LOWENTHAL, David. *The Past is a Foreign Country*. New York: Cambridge University Press, 1986.

¹³ SILVA, Enildo Pereira. Entrevista concedida a Larissa Oliveira e Gabarra. Uberlândia/MG, 04/2008.

¹⁴ RIBEIRO, Custódio e Maria Aparecida Danta. Entrevista concedida a Larissa Oliveira e Gabarra. Uberlândia/MG, 05/05/2008.

¹⁵ ANTONIA. Entrevista concedida a Larissa Oliveira e Gabarra. Uberlândia/MG, 24/04/2008.

¹⁶ HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

ções sociais originais, possibilitando o registrar de sua história. Essa re-apropriação dos objetos e também de seus signos em África no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba no século XIX registra as circunstâncias históricas em que a manifestação cultural se firmou na região e a transposição de uma organização social centro-africana através dessa cultura material.

Assim, os Moçambiques do reinado do Congo, que são a corte do rei e rainha Congo, quando olham as imagens centro-africanas se reconhecem na foto do conselho de nobres do reino de Cuba¹⁷, vizinhos a sudeste do antigo reino do Congo. São a corte no ritual do congado e se reconhecem como tal a partir das insígnias de poder na foto registradas. Enquanto os Marinheiros se identificam com a dança da circuncisão, que em África representam uma das instituições mais importantes, a etária. O terno de Marinheiro era passagem obrigatória para as crianças que quisessem dançar no terno do Congo de Camisa Verde de Uberlândia. Esse ritual de passagem está vinculado a dança do trança fita, marca de distinção do grupo. Essa dança feita em torno de um mastro é identificada com a dança¹⁸ do *Pele*, na qual os jovens

homens utilizam-se da pequena lança, chamada de *sere* ou *zupha*, dançando em volta do grande mastro, *gambe-te*, onde se seguram no momento da operação da circuncisão no grupo étnico Bwaka. A dança do *Pele* é também uma dança que representa um ritual de passagem. Já os Congos são aqueles que chegaram primeiro nessa terra americana, aqui aprenderam a lidar com o homem branco, com a Igreja e a burlar as hierarquias e regras rígidas que a sociedade escravocrata no Brasil impunha¹⁹. Portanto, os Congos são os legítimos súditos do rei Congo, como a denominação explícita, representam os comuns, aqueles com menos ornamentos identitários, povo do mani Congo.

A pesquisa através das imagens dos muitos povos da África Central: bateke, bacongo, baluba, bacuba, balunda, watusi, bwaka possibilitou aproximar a cultura material dessa região com a do congado mineiro. A familiaridade que causam as imagens aos congadeiros diz respeito a uma referência ancestral, baseada em experiências trazidas por vários séculos pelos africanos, mas que no século XIX, no Triângulo Mineiro, foram sistematizadas em forma ritualística no congado, marcando esse momento histórico.

¹⁷ Dança dos notáveis do grupo étnico Bacuba, c.1953. EP.o.o.9358, coleção MRAC Tervuren; foto R. Beeldens, MRAC Tervuren © A foto analisada registra a corte do rei Mbopey Mabitiintsh Ma-Kyeen, que governou de 1939 até sua morte em 1969. In: CORNET, F.S.C. Art Royal Kuba. S./l.: Edition Sipel Milano, 1982.

¹⁸ Cerimônia de Circuncisão do grupo étnico Bwaka, na cidade de Lengbwelle, chefaria de Buzoko, c.1936. E.PH.6251, coleção MRAC Tervuren; foto: Henry Rosy, MRAC Tervuren © e Cf.: MUSEU

REAL DA ÁFRICA CENTRAL. Dossier Ethnographique Henry Rosy. MRAC, Tervuren.

¹⁹ GABARRA, Larissa Oliveira e. Relíquias da Memória do Congado. In: _____. *Reinado do Congo no Império do Brasil: Memórias centro-africanas no congado de Minas Geras, século XIX*. Tese de doutorado. Defendida no programa de pós-graduação em História Social da Cultura, PUC-Rio, 2009.

As lembranças dos congadeiros levam-nos ao reino do Congo e a organizações sociais centro-africanas solidamente estruturadas no século XVI e XVII. A permanência de objetos símbolo de poder na África seguiu seu caminho de adaptação ao tempo e uma delas se deu do outro lado do Atlântico, por aqueles que precisaram dessas referências para reconstruir suas vidas e registrar sua história.

A análise das culturas materiais centro-africanas e mineiras, apoiada pela história oral possibilita criar intersecções entre a diáspora africana e a própria história da África, que jamais foram feitas pela história dos documentos escritos. Esse estudo comparativo entre duas micro-histórias em espaços longuínquos, Triângulo Mineiro e reino do Congo, produz um olhar diferenciado para a macro-história da formação do mundo Atlântico.

As imagens do MRAC que estão disponíveis para pesquisa no Centro de Documentação em História da Universidade Federal de Uberlândia podem trazer ainda muitas outras conclusões sobre esse tema. O reinado do Congo em Minas Gerais tem outros mistérios que só a memória descortinará. A história do reino do Congo e outros ao seu entorno na África Central esperam por outras relações de poder que a história da diáspora possa reconstituir.